3 1761 06679391 0

BRIEF

PQD

0003459

CARMES BEXIGUEIROS

PELO

CIDADÃO CARTOLA

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/carmesbexigueiro00cida

OBRAS

DO

CIDADÃO CARTOLA

I

(CARMES BEXIGUEIROS)

CARMES BEXIGUEIROS

PELO

CIDADÃO CARTOLA *
...

PORRA
TYPOGRAPHIA DAS DONZELLAS

7681
C1867,3

Brief
PQD
0003459

Á MEMORIA DOS SUMARENTISSIMOS COLHÕES

DE

Manuel Maria Barbosa du Bocage

em nome do auctor

O. D. E C.

Os editores

CAVACO DOS EDITORES

Essa meia duzia de versos, que ahi vão adiante, fomol-os nós apanhando e colligindo a pouco e pouco das mãos curiosas em que andavam, e damol-os agora a lume sem nenhuma licença do auctor. Não lh'a fomos pedir, por conhecermos que nos era logo negada; pois ninguem embirra mais que elle de ver o nome em letra redonda, e sobre tudo a firmar este genero de producções. Publicadas, sabemos-lhe apenas d'umas tres ou quatro poesias, e essas sérias; mas ainda assim publicou-as por circumstancias imperiosas: uma, por se lhe attribuirem falsidades que nunca existiram, e as demais, por haver pessoas empenhadas na sua publicação. E quem convive com o nosso Cartola muito bem sabe quanto elle escreve e quantos pedidos lhe teem sido feitos para collaborar em semanarios de litteratura; a nada, porém, annue, e nada publica. Nós chamamos-lhe a isto pura mania; os Victor-Hugos do Porto dão-lhe o nome de insufficiencia e incapacidade de fazer alguma coisa. Deixál-os lá, os criticos de escada abaixo, e deixe-nos a nós tambem em paz o

auctor dos *Carmes,* perdoando-nos o atrevimento da publicação.

As notas, que vão no fim do livro e que esclarecem as allusões e dão o sentido da maior parte dos versos, foram-nos ministradas pelas pessoas que os possuiam. Escreveram-se para se lerem e devem ler-se; que sem isso quasi tudo ficaria inintelligivel e enigmatico.

Terminamos agradecendo cordialmente aos illustrissimos e excellentissimos clerigos, que tanto teem auxiliado a nossa empresa editora d'obras uteis, proveitosas, e. . . mysticas.

Porra, 7 do mez d'Arenga,
4,000 annos antes da retirada dos chatos.

INVOCAÇÃO

Das altas regiões onde tu moras
co'a turba immensa de safadas putas,
que os pápas trombicárão noite e dia
per deante e per traz, e em premio agora
gratos puzerão entre o rol das sanctas
que alegres cántão 'no celeste côro
e veneràmos virgens; d'êsses ares
espraiados per sôbre as leves nuvens,
alvas qual puro leite ou nata gorda,
— patria eterna e constante dos felizes,
(onde tambem se-fode á tripa fôrra;
que sem isso não era o paraiso,
nem lhe-cabia o nome); — ó meu Bocage,
sublime trovador do solo augusto
onde viveu Camões e o Caldas vive,
(o Caldas, que eu venero, acato e temo
como temo da bêsta os duros coices),
d'entre os astros luzentes, doce Elmano,
que são teu mundo agora, e o-forão sempre,
. . . desprende um vôo forte, qual soías
da terra desprender p'r'as altas nuvens,
e vem, do teu alumno ao tosco albergue,
trazer a luz do genio que em ti brilha,
e eterna brilhará, mau grado a morte. . .
vem segredar-me bellas as palavras,
que os labios te-manavão docemente
e docemente os seios penetravão;

o verbo seductor, irresistivel,
que á porra te-levava a mão mais fina
e a bocca mais rosada á tua bocca ;
que erguia as niveas sáias das Gertrurias,
e te-depunha aos olhos sequiosos
tudo que faz alçar do pisso a testa :
agora a branca meia, agora a coxa,
agora os loiros fios do pentelho,
— os incantos sem fim, os attractivos
que deixão muito longe 'nos effeitos
cantharidas, pimentos e lagostas.

Ó bardo-rei, ó c'roa, ó deus, ó nume
dos bardos galhofeiros do universo,
dos Horacios, Piróns, e dos Quevedos,
fende o vacuo veloz, qual fende o raio,
e os sons, que o mundo attento escuta ainda,
vem dizer como foi que á lyra d'oiro
tão bellos arrancaste e tão suaves,
(e mais os sons d'escarneo e os sons terriveis ;
— que eu tenho, qual tiveste, uns tantos Zoilos
a quem de vis calúmnias pagar ductos.)
Fende o vacuo e vem, e dize, e nota,
e torna-me um discip'lo de ti digno ;
. . . que eu quero desde ja que a Fama illustre,
imboccadas as tubas ruidosas,
me-pegue aqui 'na poncta do caralho,
e va mostrar-me o corpo ao mundo inteiro,
ao culto das nações, p'r'o qual eu cago.

¡Ó pandego Bocage, eu ca te-espero!

EPIGRAMMAS

EPIGRAMMAS

A * * *

Ha 'nésta terra um sujeito
a quem devo mil favores.
Finezas so, so louvores
diz e canta em meu respeito.
Espalha a torto e a direito
que sou grande caloteiro;
que me-apupa o sapateiro
e nem ja me-fia o aranha. . .
mâs toda a vez que me-apanha
pede-me logo dinheiro.

A um senhor de pergaminhos

Que~es fidalgo bem conheço
pelos teus distinctos modos;
intendes de cães e burros
e chamas primos a todos.

Á medicina

(VERSÃO DO ITALIANO)

«— Elpidio, ¿porque será
que não te-curas a ti
quando alguma dor te-dá?
Nunca tal coisa attingi,
nem conhecer jamais pude. . .
Que um homem que apprendeu a dar saude
corra logo a procurar
outro alveitar
quando presénte algum mal,
sempre foi ca p'ra mim bem singular!»
«— Pois é coisa natural. . .
É porque a lei (responde o douto Elpidio),
não approva a ninguem o suicidio.»

Ao Culatra

I

Se san' Christovão levasse
bem escanchado 'nos hombros
um Menino-Deus assim,
não podia, de cansaço,
dar nem siquer um so passo.

II

O maior monstro das águas,
o gran de Leviathão,
posto ao pé d'àquellas nadegas
faz figura d'um anão.

III

Hermann sacro da Escriptura,
se Moysés, antigamente,
do mais rijo e duro monte
de repente
fez brotar limpida fonte,
despenhou cascata pura,
só c'o toque da varinha,
— quem áquella sancta alminha
co'a batuta
desfizer a grossa tampa
de merda myrrhada e inxuta
que lhe-cerra o sim-senhor. . .
como o Tejo, — que é só trampa, —
abre um rio, alarga um mar
de fedorento liquor.

IV

Cagou-se baxo o Culatra.
Um homem, que então andava
á pesca 'no Cabedello
e a quem o peido soou,
julgando que ouvia o tiro
que o meio-dia assignala,
levou logo a mão ao bolso
e o seu relogio acertou.

V

Êm tão extenso buraco,
— escada da dysent'ria, —
o narigão da Pomé,
— do cu primoroso taco, —
muito á farta poderia
attulhar-se de rapé.

VI

Se o Gama resuscitasse
e divizasse
tal armazem de fedor,
suppunha que via a face
— ¡ salvo seja ! —
do gigante Adamastor.

VII

Quando foi examinar
da saude o delegado
êsse foco d'infecção,
sob o putrido telhado
depressa mandou queimar
cem barricas d'alcatrão.

VIII

O padre Choculateira,
— esguio espêto ambulante
segurando uma caveira, —
ao ver o vulto d'Atlante
que lhe-passava deante,
resmungou com voz amára
como quem de tal vista lhe-pezára :
«— O que tens de mais 'no cu
«de menos tenho eu 'na cara. —»

IX

Se o padre sancto *se-fosse*
por cu tão gordo e tão mau,
da mesma Roma podia
dar mama-peido em Macau.

. . . . . .

Digão agora os sabios na escriptura
Que segredos são estes da natura.

Por baixo do retrato d'um quidam

« — Eu não sei que te-incontro 'no semblante. . .
Tu tens por fôrça aí algum defeito. . .»
« — Imprestei as orelhas ha um instante
p'r a servir' de disfarce a um sujeito.»

Á Babilonia de putas e larapios

A minha cabeçuda e louca estrella
levou-me um dia a visitar Lisboa.
Antes de o descobrir, de dar por ella,
de notar que trilhava a terra boa
onde todas fornicão sem cautella,
ja sabía que a-tinha pela proa...
Havião-me do bolso arrebatado
o lenço d'assoar almiscarado.

O successor d'um ministro honrado

«— Berrem, berrem...» (dice um dia
de Tancos o dom Quixote,
que dissipa a largo trote
as parcas rendas do estado).
«— ¿Sou tubarão? ¿Sou arpia?
Berrem, berrem sempre assim
qu'inda vem depois de mim
peor Jose do Telhado.»

Gaiola exemplar

Ha conhecidas tenções
de levar ao parlamento
a reforma das cadeias;
d'agasalhar os ladrões
em mais cómmodo aposento...
É tomado por modello
o palacio de san' Bento.

A Biblia p'r'os tribunaes

Quer da justiça o ministro,
— em nome do da *fazenda*, —
que todo o juiz attenda
ao que elle vai decretar :
«D'ora avante ninguem jure
«sôbre o *Velho Testamento*. . .
«Far-se-á o juramento
«sôbre a *Arte de Furtar*.»

Ás festas molhadas do «Progredior»

«— ¿Vens comnosco, Justininha,
até á Foz amanhã
'no bello rancho a cantar?»
«— ¿E se vem chuva?. . . Não posso. . .
Tenho medo d'estragar
a minha sáia de lã.»

«— Tolinha. . . Vejão que tola. . .
Eu perco a minha viola
se chover 'no arraial.
Se vem chuva. . . ¡Que lembrança!
Amanhã não ha festança
'no Palacio de Cristal.»

Á puta da mathematica

«— ¿Que tens aí, ó âquelle,
que manquejas d'êsse pé?»
«—Caiu-me honte' em cima d'elle
um compendio do Serret.»

«— ¡Ólha, então, se te-pisava
o Alboquerque do lyceu!»
«— Mais pivias eu não trincava
e desandava p'r'o ceu;

¡que o pêso de tanta asneira
que elle traz 'na chaminé,
desfazia-me em pocira
este infeliz do meu pé!»

GLOSAS

GLOSAS

Sôbre a pyra fumegante
ardem ternos corações.

Se me-dessem 'neste instante
appetites de cagar,
ia o mimo evacuar
sôbre a pyra fumegante,
e, depois, co'a mão prestante
que me-coça os dois colhões,
apponctando os cagalhões,
risonho diria ás gentes :
«— Entre ésses fachos luzentes
ardem ternos corações.»

Caguei-me agora.

Ao ler a folha
tão fedorenta
que ésta imbirrenta
terra decora,
não posso nunca
deixar de rir. . .
(Sem me-sentir
caguei-me agora).

Quando me-incontro
per horas mortas,
de pernas tortas
qual torta espora
c'o redactor,
sinto arrotar,
e ouço-o gritar :
¡Caguei-me agora!

Um dia o bruto
quiz ser bonito
ao pé do pito
que elle namora ;
pediu um mote,
um mote fino...
Dice um menino :
«*Caguei-me agora.*»

Cheirou-lhe a peido
de tal feição,
que a inspiração
foi-se-lhe embora...
mâs, prazenteiro,
um do magote
pegou 'no mote
«*Caguei-me agora.*»

É um milicio
que traz, com geito,
corno perfeito
que o-condecora ;
é um mulato
cara de fome. . .
(ao ler-lhe o nome
caguei-me agora.)

Tossiu de manso
uns escarrinhos
e os collarinhos
deitou de fóra ;
bateu 'na testa,
e, jovial,
pensou 'no tal
«*Caguei-me agora*».

Appós dice elle
com bellos modos :
«— Desculpem todos
ésta demora ;
eu de poeta
não tenho o fogo :
não rimo logo
«*Caguei-me agora;*»

màs lá vai ja. . .
Ouçam, attentos,
os pensamentos
que a gente adora;
nem um só pio
quero escutar;
que vou glosar
«*Caguei-me agora:*»

«Pàra a virtude
«que o mundo ostenta,
«màs que, sebenta,
«aqui não mora,
«e mais pàra a honra,
«(que desconheço),
«eu abro o sesso,
«—*caguei-me agora.*»

Tanto gostárão
de tal chalaça
que o auctor da graça
chamárão fóra,
e, á voz do *bis*
que atroa tudo,
dice o cornudo:
«*Caguei-me agora*».

Hoje aqui não ha oiteiro.

Eu, que ja vinha inspirado
pelo sacro deus Apollo ;
eu, que até trazia ao collo
um Cupido 'debochado'
pàra la lhe-ser mandado
a coçar-lhe o parrameiro,
ter de deixar o terreiro
é bem triste, é coisa suja. . .
¿ Por que dice essa coruja :
« Hoje aqui não ha oiteiro? »

Os pasteis ja 'stão 'no forno.

Senhora madre abbadessa,
apprompte o cu p'r'o trabalho ;
que 'no seu pito o caralho
nunca mais mette a cabeça.
¿ Inda acha pouca a *reméssa*
que me-tem pegado ao corno ?. . .
Vire, vire o cu p'r'o tôrno. . .
Deixe metter bem a pá ;
que eu quero ver se per lá
os pasteis ja 'stão 'no forno.

Ao menos tenhão vergonha.

Uma puta de pataco,
uma puta de 'bochés',
que anda aí aos poncta-pés
como um actor, como um caco,
e grama 'no vil buraco
que não nasceu p'r'a langonha. . .
¿ é, pois, uma tal cegonha,
mais covella que a Palmira,
quem diz aos mestres da lyra :
«*Ao menos tenhão vergonha?*»

¡Não ha motes! ¡Não ha nada!

Suas putas, seus coirões,
suas grandes fodelhonas,
que trazeis as vossas conas
sempre juncto dos colhões,
¡ ide apanhar cagalhoes !. . .
¡ Uma corja tão safada
quer agora ser cantada !. . .
Hoje aqui não ha poetas ;
— ha freguezes p'r'as punhetas. . .
¡Não ha motes! ¡Não ha nada!

Eu os-beijei, eu os-vi
os peitos da minha amada;
erão de neve coalhada. . .
¡Não sei como os não bebi!

Involta 'num dominó
de fino setim de rosa,
a minha Laura formosa
incontrei 'no baile so.
¡O coração, satisfeito,
deu-me um pulo contra o peito!
Arranco-a longe d'alli;
èrgo-lhe á masc'ra os bordados. . .
e seus labios nacarados
eu os-beijei, eu os-vi.

Èsse ineffabil instante,
que ha tanto tempo anhelava,
d'estar so co'a terna amante,
— ¡Fausto ditoso! — raiava. . .
Co'a meiga Laura 'no collo
sentei-me 'no brando solo,
e a lua tão prateada,
tão radiante e donosa,
viu-me apalpar, curiosa,
os peitos da minha amada.

Aquelle doce contacto
abalou-me de tal sorte. . .
que não pôde o seu recato
soffrear o meu transporte.
Turbos de todo os sentidos,
lanço-lhe a mão aos vestidos,
e, co'a vista affogueada,
vi da lua ás luzes froxas
que de Laura as bellas coxas
erão de neve coalhada.

Per entre languidos ais,
fui rasgando a lisa entrada
que ella tinha inda fechada
á cubiça dos mortaes. . .
Laura manso suspirava. . .
¡ eu ardia ! ¡ eu anciava !
e quando os gostos senti
¡ chupei-lhe os labios ardentes
com tal fôrça, que os seus dentes
não sei como os não bebi!

POESIAS VARIAS

Representação

O Porto repelle a affronta
D'uma injuria sem igual.
CALDAS — *Improviso n.º 99.*

¡Senhores deputados da nação!
Nós vimos ante vós pedir justiça
em nome do direito e da razão.
Largai um pouco a habitual preguiça
e ponde 'neste assumpto a *recta* mão;
que não ides zurrar pol-a cobiça.
Ao menos uma vez 'na vida inteira
mostrai que não fazeis so crassa asneira.

O mancebo Culatra, destemido,
por terra nos-quer pôr as nossas casas,
exercendo um commercio prohibido,
que ao nosso totalmente impata as vasas;
que nos-tende a deixar sem um vestido;
que ao risonho porvir nos-corta as asas. . .
um commercio tão vil e tão nefando
que mais o-pune a lei que ao contrabando.

¿E vós haveis de consentir que morra
a fama que a alcançar nos-custou tanto?
Haveis de consentir que a d'elle corra
a par da nossa dor? ¿do nosso pranto?
¡Senhores deputados! ¡P'ra Gomorrha
mandai-o desterrar, — sem longo espanto! —
ou das **Abandonadas** entre o asylo
acabe os gordos dias tranquillo.

¿Quereis deixál-o livre?. . . ¡Muito embora!
Mâs, então, de consumo um grande imposto
lançai sôbre o fardel que a qualquer hora
ao público viril traz sempre exposto,
— tributo mais louvavel que os que agora
da *fazenda* o ministro tem proposto. —
Lançai, lançai, senhores, e veremos
se a pansa d'este modo lhe-abatemos.

C'o som da vossa voz, de fortes urros,
o templo da nação trema de pasmo,
— o templo onde arengais e mais os burros,
(pedimos permissão do pleonasmo). —
¡Haja gritos, pancadas, berros, murros!
¡Despi-vos da pachorra e do marasmo!
¡¡¡ **Exterminio ao Culatra!!!**
Pol-o quê
todos recebereis de nós mercê.

Em nome da classe :

D. Maria das Luvas,
socia d'Academia Real das Sciencias.

D. Rita Corre-Corre,
condecorada com medalhas de várias *campanhas*.

Rosina de Malmerendas,
gran'-cruz do Tosão d'Oiro.

Virgem. . . e ja luxuriosa

Quando o sol desmaiava alem do monte
a gosar dos triumphos da jornada,
e suave a cair gemia a fonte,
eu prendia a cintura á minha amada.

Appenas lhe-rasguei a leve porta
que cérca Amor de grades d'oiro puro,
¡ quantas vezes eu vi Rosina morta
do gôso que dimana o membro duro !

Cerrava os lindos olhos tão celestes,
e forte contra o seu meu peito unia;
a vida se-lhe-esvái. . . más logo prestes
os olhos, a morrer, de novo abria.

A bocca de rubim tão pequenina
sôffrega sorve os beijos que eu lhe-séllo,
e a mão tão branca e breve, a mão tão fina
diverte-se a correr o meu cabello.

A deusa das canções do bardo amante,
que d'êsses altos ares pende linda,
cobertos d'arvoredo susurrante
alli nos-veio achar unidos inda.

Um sonho

(Original de Augusto de Miranda)

Um sonho, que tive,
Elmira formosa,
Fugindo as estrellas
Do sol ao raiar,
Agora eu t'o conto;
Mas diz-me não córas,
Ao veres meu doce,
Mentido sonhar?

«O sól ia em alto
«Fugiste p'ra selva,
«Depois lá na sesta,
«Que ardente calor!
«Deitada num verde
«Tapete de relva
«Dormias, e o seio
«Te orfava de amor.

«Veloz te seguira,
«Por entre a espessura,
«E ao leito mimoso,
«Queria chegar.
«Por fim consegui-o
«Que extrema ventura!. . .
«Beijei-te. . .»
Não córes
Foi tudo a sonhar. . .

¡Triste realidade!

(Paródia do cidadão Cartola)

A noite de sabbado
dulcissimo sonho
me-veio, risonho,
o somno imbalar;
— tremia de júbilo. . .
mâs, breve, tyranno
cruel desingano
me-fez despertar.

«Logar solitario,
«tão mudo e tão quedo.
«sem sombras de medo
«sosinho me-vou. . .
«e, juncto d'uma arvore,
«tropéço 'na estrada. . .
«o som da pancada
«qual oiro soou.

«Levanto-me trémulo. . .
«Incaro o caminho,
«e vejo. . . ¡ um saquinho
«de bellos dobrões!
«Fiquei sem espirito. . .
«A mão levo perto,
«agarro. . .»
e desperto
co'a mão 'nos colhões.

A vida

A vida é peido estalado,
que não volta ao cu jamais. . .
Mijadeiro desvirgado,
a vida são tristes ais. . .
— escholastica mezada,
que arrebata uma parada. . .
— cobritos, que o poncto poisa
sôbre carta que não vem. . .
Ésta vida. . . ¡é uma coisa
que não sabe o que é ninguem!

Um pensamento sobre o sêsso

Benigno Cyreneu da grêta muda,
suave ajuda lhe-dispensa o cu,
pois presta-se a *levar*, mui prazenteiro,
rijo madeiro 'no costado nu.

SONETOS

I

¡Sempre é sina do pobre Portugal
de mais de um tolo haver em cada terra!. . .
Quer seja 'na cidade, quer 'na serra,
¡dá fructos da loucura o negro mal!

Tem tolos mais de cento a capital,
e, — se é caso que a mente me não erra, —
tambem 'no Porto muito doido berra,
e Braga doidos roja ao hospital.

A todos, porém, leva a primazia
a villa d'Arrifana tão mesquinha;
porque, se poucos tem, são de valia.

Por mim, dava-lhe os foros de rainha. . .
Pois. . . ¿ onde é que ha, da zona quente á fria,
como o Cambado um tolo?. . . ¿ ou um Fófinha?

II

¡ Que bella cara tens p'r'o porco escarro,
rabiscador de tretas indecente!. . .
Chupavão queixos teus babão presênte
se agora me-ingasgasse algum catarro.

¿ Nabucodonosor sonhou de barro
os fabulados pés? ¿ e d'oiro a frente?
— O craneo que te-alberga a bruta mênte. . .
ninguem por elle dá. . . nem um cigarro.

¿ E os pés? ¡ Jesus! ¡ Senhor! ¡ Que diabrura!
¡ Sempre ha gente 'no mundo bem sem tino!
¡ Que fado tão cruel! ¡ Que sorte dura!

¡ Escangalhar assim. . . um figurino!
Em vez de so tirar-lhe a ferradura,
¡ levar tambem os dedos ao menino!. . .

III

¡ Hai ! ¡ Terra das albardas tão coitada !
¿ Que vem a ser de ti pâra o futuro ?. . .
¿ Onde é que has de esconder tanto monturo,
desfeito agora o cano da privada ?

¡ Hai !. . . Fica toda a vida contristada. . .
— incobre a cara attrás d'um veu escuro ;
arruma quatro coices contra o muro,
e em prantos ergue a voz angustiada.

Apagou-se o pharol da tua folha
ao sôpro assolador do fado cru.
Lastime o sapateiro, mais o trolha,

o transito do irmão, e chora tu,
ó Giesta, ó boccal da grande rolha ;
que ja não tens papel que limpe o cu.

IV

Antes dar a culatra a toda a gente,
antes fazer 'bochés' a meio mundo,
'no Giesta incontrar rival immundo,
— que ser o que tu es, Marte indecente.

¡Um corno colossal, corno sciente,
que apalpa as gaitas a sorrir jocundo
quando vê interrar até ao fundo
'na racha da mulher porra fervente!

So tu, da militança alto vandalho,
representar podias tal papel...
Alheio consentir grosso caralho

'no figo da mulher, que sabe a mel,
¡so êsse manequim, êsse espantalho,
que é digno de tão vil Penaficl!

V

Linda pequena de quatorze estios,
— màs ja crescida em corpo e maroteira, —
co'a nivea mão de jaspe tão veleira
dez caralhos por noite põe vazios.

¡ Com que garbo ella imbala os mais esguios !
¡ Como ella afia os grossos prazenteira !
¡ Ó !. . . ¡ Não ha quem a branca pingadeira
veloz tire com modos mais macios !

Um dia arremetteu-a tal furor
ao sopesar um membro de pau-sancto,
que dice, erguendo as sáias com ardor

e mostrando da porra o doce incanto :
«— ¡ Mette-m'o todo aqui, meu lindo amor ;
«que é p'ra quando eu casar não custar tanto !»

VI

Por variar um dia da punheta,
— ou por deixar os putos em descanço, —
procurei entre os cobres meio ganso,
e fui parar a casa da Henriqueta.

Saquei da respeitavel escopeta
e metti-lh'a 'no cono manso e manso ;
mâs, vendo como dentro todo eu danço,
a porra viro p'r'a merdosa grêta.

¡ Que boeiro, Senhor ! ¡ Nunca o meu bicho
jamais sentiu assim tão larga a toca !
«¡ Nada! ¡ Nada ! ¡ Não gósto !...» e inda com lixo,

— com vêrsas, com feijões, com tapioca, —
rapo do manganaz, e o branco esguicho
fui então despejar-lhe dentro á bocca.

VII

D'um frade franciscano aos sacros pés,
dizia de confêsso a meia voz
um tal pintor de nome, — e o frade a sos
saboreava o conto do freguez:

«— ¡ A Venus que pintei é d'uma vez!
«¡ é digna d'um fodão tal como vós!. . .
«¡ Que immensa pentelheira!... — Aqui p'ra nós,
«eu ja me-ponho 'nella ha mais d'um mes.»

«— Más... ¡ valha-me san' Pedro, mais san' Braz!
(rosna o frade coçando 'no nariz),
«¿a porra não lhe-doi? ¿ Isso não faz. . .?

«— ¡ Nada!. . . frei Julião, (o artista diz).
«¡ Não que eu tenho cuidado em pôr detrás
«o rechonchudo cu d'um apprendiz!»

VIII

Era bonita a filha, e tão galante
que os pais trazia doidos de contentes,
e tanto, que não vião esses dementes
que a moça dava trela a um estudante.

Poz-lhe elle um dia um beijo 'no semblante;
mais tarde, as mãos lhe-poz 'nas mamas quentes;
e, por fim, os pentelhos reluzentes
á nympha separou co'a porra ovante.

A barriga cresceu-lhe e fez-se dura,
e viu então o pai 'nos olhos trave. . .
«— ¡Infame!... (lhe-bradou). ¡Vil criatura!...»

«— Papá. . . (responde a moça em tom suave).
«¿Como havia de eu guardar a fechadura
«de que mais de meio mundo tinha a chave?»

NOTAS

NOTAS

Depois de já quasi impresso todo este livro, deparou-nos o acaso mais algumas poesias do Auctor. Estavam em mãos d'um amigo nosso, que logo nol-as cedeu, e ao mesmo tempo nos deu noticia d'outras, que não iam n'esta collecção e que nos elle ficou d'alcançar com brevidade. Apenas as podermos haver, dál-as-emos immediatamente a lume, visto jágora não poderem ser incluidas na presente edição.

Sabemos tambem que o sr. Cartola está acabando um poema intitulado *Culatreida,* que dentro em pouco verá a luz pública.

Vamos entrar nas explicações do texto. Se a impressão fosse feita por consentimento e sob exame do A., forravamo'-nos agora a este trabalho, e decerto havia então elle de sair mais perfeito e completo; que melhor deve d'explicar as coisas quem as faz, que quem, como nós, as ouve já contadas e annotadas por bocca estranha. Todavia, faremos o que podermos (e nem ninguem demandará mais), ajudando-nos d'informações e declarações que merecem credito, e trasladando para aqui, taes quaes estão, algumas notas que o proprio A. escreveu no fim d'uma ou outra poesia.

CARMES BEXIGUEIROS

Quando nos vieram tenções de editorar este livro, pergantamos disfarçadamente ao A. que titulo poria aos seus

versos indecentes, se algum dia os publicasse, e a quem os havia d'offerecer. «— Chamava-lhe *Carmes bexigueiros*, e dedicava-os aos colhões do Bocage, —» respondeu elle. Por isso é que lhe pozemos o titulo e dedicatoria que levam.

Agora, *bexigueiro* quer dizer. . . *bexigueiro*. Comprehendemos bem este vocabulo novo e toda a gente lhe sabe a significação; mas definil-o claramente, não o sabemos. Um individuo a quem perguntaram que era *fazer bexiga*, respondeu tambem: «— É. . . fazer bexiga. É um idiotismo que se não traduz. Fazer troça, é de mais; fazer espirito, é muito differente e pouco puro.»

INVOCAÇÃO

Quem lêr os primeiros versos d'esta poesia, — porventura a melhor do livro, — ha de suppôr que é um impio quem os traçou. Não é. O A. falla assim dos pápas porque leu a sua *Vida escandalosa* d'elles, e não ere muito em sanctos por temer que todos (e peor as sanctas; que são mulheres), por temer que todos sejam como o malvado do bulgaro Roberto, esse terrivel assoprador das fogueiras da inquisição, que mais tarde viria a ser canonisado se não lhe dessem a tempo nas maroteiras. D'elle diz Alexandre Herculano: — «Com mais alguma prudencia, quem sabe se hoje o seu nome figuraria no amplo catalogo dos sanctos da ordem de S. Domingos?»

> *o Caldas, que eu venero, acato e temo*
> *como temo da bésta os duros coices.*

«Este Caldas não é o Caldas do Bocage; que êsse ja morreu: é o meu Caldas. O outro era cão: ladrava appenas; o meu é jumento: attira. ¡Pobre Caldas! ¡Pobre parlapatão! ¡Como inda um dia me-has de ser grato! ¡Como inda

me-has de agradecer um dia os cantos que em teu louvor estou escrevendo! ¡Se eu sou tão teu amigo! ¡tanto! ¡Poeta-mercador! ¡Sublime repentista!» *Nota do A.*

. . . . . as niveas sáias das Gertrurias,

Gertruria era a predilecta do grande Elmano, a escolhida entre Marilias, Tirsalias, Nises, Ritálias e Urselinas. Mendes Leal diz que foi ella o primeiro amor do cysne de Setubal.

a quem de vis calúmnias pagar ductos.

«*Ductos* chamão as vezes que o sacerdote encensa com o thuribulo, meneando-o; e dizem *dar dois, ou tres ductos ao presbytero celebrante, aos officiantes, ao povo.*» — *Moraes, Diccionario.*

EPIGRAMMAS

A * * *

Não sabemos que nome occultam estas estrellinhas, e por isso desconfiamos que esta decima seja carapuça lançada para ahi á procura de cabeça.

e nem ja me-fia o aranha,

Aranha, em linguagem bexigueira, quer dizer alfaiate.

A um senhor de pergaminhos

Este é um parvo d'um provinciano que se diz aparentado com todas as primeiras familias de Portugal. Podiamos declarar-lhe o nome; occultamol-o, porém, por Elle ser muito bomzinho.

Ao Culatra

Toda a gente conhece o Culatra, e ninguem deixou ainda de notar o grandississimo cú que elle possue. A tão descommunal panella, e ao marmanjo inteiro, é que são feitos os nove epigrammas estampados. Os quatro ultimos, bem como a *Representação* que está a paginas 35, já foram impressos duas vezes: a primeira, para distribuir n'um baile de mascaras, e a segunda, para satisfazer aos pedidos dos admiradores culatrenses.

III

co'a batuta

«Bocage trouxe-nos do italiano a palavra *casso*, que significa porra, e que elle imprega como tal. ¿E por que não hei de eu tirar de lá a *batuta*, e impregál-a tambem como synonimo de caralho? ¿Por que me-hei de abster de dar mais um nome ao melhor traste do mundo, e de concorrer assim pâra que elle em breve tenha tantos como qualquer principe real?

«*Batuta* é a varinha com que o regente d'orchestra marca o compasso.» *Nota do A.*

como o Tejo, — que é so trampa, —

«Garrett chamou ao Tejo *aurifero*, e frei Luiz de Sousa dice 'na sua *Chronica de S. Domingos* que havia um sceptro feito das areias d'oiro que o Tejo leva 'na corrente. Sera verdade, e sera verdade tambem existir ainda a rara preciosidade 'na casa-da-moeda, como 'na sua *Guia* affirma o fallecido tenente Bordallo. Não o-nego; mâs o que sei que o decantado rio leva em suas águas é... muita merda, recebida dos canaes da cidade, que são assim como as mil veias da capital. ¡Merda e mais merda, orgulhosos alfacinhas! ¡Merda doirada, sim; merda amarella! ¿E a brisa suave que sopra 'nas margens? ¡Fedorenta, que nem peido gallego!

«¡Ó Lisboa, Lisboa! ¡Quem te não conhecer que te-gabe!» *Nota do A.*

V

o narigão da Pomé,

Indecente bailadeira que ha uns quatro annos esperneou no theatro de S. João e dançou nas *costas* d'uma porra, que lhe servia de maroma. Apresentava maior batata que a do padre-mestre Jorge Bico.

VIII

O padre Choculateira,
— esguio espéto ambulante
segurando uma caveira, —

Estes dois ultimos versos pintam bem o individuo, hoje abbade de não-sei-d'onde. Não sabemos a razão por que elle aqui figura.

IX

Se o padre sancto se-fôsse
por cu tão gordo e tão mau,
da mesma Roma podia
dar mama-peido em Macau.

N'esta parodia a um epigramma de Bocage, emenda o nosso A. um grave erro que sempre lhe teem assacado ao grande poeta da Arcadia os editores das suas obras. O epigramma, tal qual apparece e que a tradição diz ter sido feito aos pés do Tolentino, é o seguinte :

Se o Padre-sancto tivera
Um pé tão largo e tão mau,
Podia mesmo de Roma
Dar beija-pé em Macau.

Ora, parece impossivel que Manuel Maria escrevesse aquelle *mesmo* assim á franceza, elle, que tanto estudou os classicos e timbrava tanto de ser puro e correcto. Os editores ou reve-

dores é que mereciam palmatoadas, e nem ellas se deviam de perdoar ao Innocencio, ao Rebello da Silva *, e ao proprio Castilhinho **, tido e havido por *mestre* da lingua.

Por baixo do retrato d'um quidam

Foi o caso. O A. galanteava a filha d'um brazileiro ricasso, e era correspondido. O pai, pé de boi perfeito e jumento de raça pura, oppunha-se a este namôro com toda a tenacidade da sua estupidez; mas quando ellas querem, querem, e não ha ralhar-lhes. A coisa continuava.

O Cresus boroeiro desespera-se um dia, entra no quarto da pequena, arromba a gaveta onde desconfiára guardada a correspondencia. . . e acha effectivamente uma centuria de cartas e um retrato do A.!

Ó raiva! Ó desespêro! Ó furor!

O primeiro impeto que lhe rebentou foi o de rasgar tudo, e ainda chegou a traçar as cartas até meio; mas parou alli. . . e sorriu-se. Sorriu-se. . . porque n'aquella esteril cabeça tinha brotado uma ideia pela primeira vez na vida, e uma ideia luminosa.

Péga do retrato, pinta-lhe como póde e como sabe umas grandes orelhas de burro, sobrescripta-o ao A., e manda-lh'o pela posta interna. Bravo! Muito bem!

Acabava o nosso Cartola de saber, por uma missiva da pequena, do roubo que o pai lhes havia feito, — quando recebeu a sua effigie. . . orelhuda. Riu-se da lembrança do velhote (e nem o caso era para menos), e fez tenções de tomar uma desforrazinha.

Obtido d'um photographo um retrato do brazileiro, corta-lhe o A. bem rentes as orelhas, escreve (por baixo do que fica), a quadra que deu origem a esta nota, e manda-lh'o tambem pelo correio. . .

Alguem explicou ao papá os versos. . . O homem encara-lha, azabumba de corrido, e. . . acabou-se a historia.

* Edição de 1853.

** Excerptos classicos — Lisboa, 1846.

É verdade : As cartas estão-lhe agora servindo de muito ao gebo. Apaixonou-se por uma sexagenaria que mora alir para as Cangostas, e vai-lhe transcrevendo, *ipsis verbis*, todas as epistolas amatorias que o A. tinha mandado á filha. Copiador fiel, fala muitas vezes, á velha, dos seus lindos olhos d'ella, e pede-lhe sempre muitos beijos.

Á Babilonia de putas e larapios

Este epigramma trazia por baixo, em letra do A., as seguintes linhas : «Offerecido ao gaiato do sr. Oliveira, que em outubro de 66 me-roubou a minha rica bengala.»

A Biblia p'r'os tribunaes

Quer da justiça o ministro
— em nome do da fazenda, —

A palavra *fazenda* é usada nos cavacos indecentes como synonimo de porra.

... . *o Vélho Testamento*

Aqui ha empeno. O Evangelho é o Novo Testamento e o A. chama-lhe *Velho*. Porque será? Escreveria elle isto assim, ou será chalaça do copista?
Aqui ha empeno.

sôbre a Arte de Furtar.

«¡ Alto ! ¡ Alto ! ¡ Está errado este verso !—gritão os Victor-Hugos do Porto, os estrenuos e semsaborões zeladores do metro, coisa, ainda assim, de que elles pouco intendem.
«Estará, eruditissimos senhores ; mâs o mestre diz que se attenda muitas vezes o ouvido, e o ouvido diz-me que está certo. ¿Querião talvez que eu escrevesse

per sôbre a *Arte de Furtar*?

¡Então!... não estive para lhes-fazer a dura e estupida vontade... Vai assim, e não vai mal.

«—¿E o hiato? E âquella concorrencia de *e a a*?

«¡Arre! que é ser muito bêsta! Leião bem, que ja não ha hiato; e, se não sabem, vão aprender c'o Neves Pereira, a páginas 360, tômo IV, das *Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias*. Estudem, e berrem menos.» *Nota do A.*

Ás festas molhadas do «Progredior»

É rara a vez que não chova, havendo diversão extraordinaria no Palacio de Christal. Mal se poem os cartazes turva-se o tempo, e no dia marcado é chuva e mais chuva. Alludindo a isto disse já um patusco: «— Quando quizerem agua, não façam preces; annunciem *concertos* no Palacio, —» e alludindo a isto tambem é que o A. escreveu a satyra.

Á puta da mathematica

Parece que ha aqui bexiga ao lente de geometria; mas em verdade não ha. O A. embirra solemnemente com a mathematica, e é a ella o epigramma, não ao tal professor, a quem até serve de elogio. Pois não será elogio dizer d'elle que é mais pesado, mäis *profundo* que o Serret? Decerto. Aquella *asneira* que lá vem, substitue a palavra mathematica.

Alli não ha bexiga.

GLOSAS

Caguei-me agora.

N'umas ferias de setembro fez o A. uma digressão por Penafiel, Amarante e Marco de Canavezes. Da gente d'estas duas ultimas terras não diz elle senão louvores; mas da de Penafiel (só a da cidade), d'essa temos conversado: é cascar, cascar, e mais cascar. A melhor roda de lá, pequena e limita-

da, recebeu-o bem e obsequiou-o; mas o geral, os biltres, esses não houve nada que não dissessem d'elle, e nem um instante pararam de lhe cortar na casaca.

Um dia andava o A. a passear ao pé do quartel do 6 com tres rapazes conhecidos. O redactor do *Anno Novo*, especie de bonifrate escangalhado, a quem a natureza assignalou dando-lhe as pernas tortas como dois parenthesis e tirando-lhe os dedos dos pés, e a quem os homens deram a alcunha de *Cambado;* um caloiro de Coimbra; um famigerado militar, magro e mulato, que leva a mulher a casa da tia, e é a besta mais sem vergonha e indecente que o sol aquece; e mais dois ou tres bigorrilhas, estavam sentados n'um dos bancos de pedra que ha n'aquella pocilga.

Ao passar-lhes em frente o nosso Cartola, — que fôra apresentado em Penafiel *como poeta*, — o rabiscador publico pediu um mote aos companheiros; mas de maneira que os passeantes ouvissem, como effectivamente ouviram. «— Lá vai (respondeu o caloiro) : *Caguei-me agora!* —»

Grandes gargalhadas da sucia e *bravos* do soldado receberam e applaudiram a indecente chalaça do menino.

O A. entendeu logo que a coisa era comsigo; mas como não lhe vinha o nome envolvido, não foi pedir satisfação nenhuma, nem deu nenhum cavaco.

Isto passou-se ao cair da tarde. No dia seguinte pela manhã corriam já toda a cidade, e com applauso (porque lá tambem toda a gente zanga de taes firmas), a glosa do mote que elles tinham dado, e os quatro primeiros sonetos que vão na nossa collecçãozinha.

Os homens bufaram, e o A. riu-se então por seu turno. Vieram por lã e foram tosquiados.

Esquecia-nos dizer que o facto se passára defronte das janellas do namôro do borra-papel, e que nos versos

sinto arrotar
e ouço-o gritar:
«Caguei-me agora,»

dá o A. a entender que o tal sujeito se peidava pela bocca.

Hoje aqui não ha oiteiro.

Este mote e os tres seguintes foram glosados ás freiras de Villa Nova de Gaya, ha já uns tres ou quatro annos. Como tinha sido nomeada nova abbadessa e por esta occasião costuma de haver oiteiro, o A. foi de noite até ao convento, movido pela curiosidade de escutar os repentistas tripeiros. Effectivamente estavam lá uns seis entre grande auditorio: reinava, porém, pasmaceira completa; porque o bispo tinha prohibido o oiteiro. Debalde os poetastros pediam motes; que as freiras e seculares, preguiçosamente repimpadas nas grades, a nada as brutas se moviam. Afinal e depois de muito berrar, lá d'uma janella de ao pé do telhado desceu o primeiro, em voz fina e disfarçada, e assim como um dicto de despedida aos *vates* gritadores: «—*Hoje aqui não ha oiteiro.*»

Correram logo os *cysnes* a glosál-o, e o A. glosou-o tambem. Por todos foi o assumpto concebido bexigueiramente; mas de termos pouco decentes só o nosso Cartola se serviu. As freiras amuaram, e retiraram-se um pouco para dentro ao som da troça que os versos do A. cá embaixo tinham despertado.

Recomeçaram os pedidos de motes, que duraram bom espaço de meia hora. «— Minhas senhoras (disse alfim um Victor-Hugo), visto não nos darem motes, deem-nos ao menos doces e vinho; que temos as guelas seccas e o estomago vazio. —» E a mesma voz do telhado respondeu no mesmo tom: «— *Os pasteis já estão no forno.*»

A glosa do A. a estas palavras ahi fica atraz. Assim que elle acabou de recitar e que a troça serenou, uma freira, velha e fanhosa, deu mote para nova decima dizendo toda avespinhada: «— *Ao menos tenham vergonha!*»

Depois de ouvida esta terceira glosa, a maior parte d'ellas começaram a retirar-se, fechando com estrondo as janellas sobre si. Ficaram apenas quatro.

«— Motes! Motes! Venhão motes (berravam todos de todos os lados).

E veio então de cima o thema para a ultima glosa, recitada a qual tudo se fechou no convento, e todos começaram a debandar para a cidade.

Estas quatro decimas, que o sr. Cartola lá improvisou, já foram impressas por um curioso, que as tinha tomado d'outiva; mas foram-no de tal maneira, com erros taes, que julgamos fazer não pequeno serviço ao A. restituindo-as ao verdadeiro original.

— Aos versos

pára la lhe-ser mandado
a coçar-lhe o parrameiro,

fez o A. a seguinte nota: «Se me-visse sempre obrigado a responder ás questiunculas disparatadas e estupidas dos *litteratos* do Porto, parece-me que havia de escrever mais notas que as que escreveu Francisco Manuel do Nascimento respondendo aos francelhos do seu tempo. Não tenho occasião nem pachorra para tanto. A palavras loucas orelhas moucas, diz o dictado.

«Faço, porém, uma excepção ésta vez, ou, antes, fál-a-á por mim o sr. Castilho José. «— ¿Não é asneira pôr âquelles dois *lhes* 'no singular? (pergúntão-me elles). ¿Não era a todas as freiras que você se-dirigia?» Era, sim senhores, e não errei falando assim; porque *o emprego do* lhe *por* lhes *e frequentissimo ém todos os nossos classicos, desde os cancioneiros de D. Diniz e de Garcia de Rezende, e Camões, e Sá de Miranda, e Ferreira, e os dois Bernardes, e Lucena, e Arraes, e Barros.* ¿Ignorão-no? Pois leião e estudem, e, se agora se-querem livrar da massada, vejão então os exemplos que de tal *erro* véem 'na *Gazeta de Portugal* de 14 de novembro de 62, colleccionados de todos os melhores escriptores pelo sr. José Feliciano de Castilho, cujo são as palavras que ai ficão soblinhadas.

«Estudem, meninos, estudem, e deixem-se de gaiatices.»

¿*Inda acha pouca a* reméssa
que me-tem pegado ao corno?

Reméssa chama-se por ahi vulgarmente ao gallico, o qual talvez se lhe subentenda em genitivo.

Eu os-beijei, eu os-vi, etc.

«Esta quadra está bellamente glosada em dialogo semi-serio por não-sei-quem. Ouvi-a uma vez recitar a um individuo, que me não soube dizer quem fôsse o auctor.» *Nota do A.*

Laura manso suspirava...

«Muito de industria escrevi este verso assim. ¿Não gostão da concorrencia dos *esses*? Pois eu acho âquelle *su-sus* muito onomatopico e expressivo.» *Nota do A.*

Representação

É escusado aclarar mais o objecto d'esta súpplica, vindo ella assignada pela Maria das Luvas, e dizendo-se lá que o adversario lhe punha o negocio de pernas para o ar. Apenas diremos de passagem que o crime d'elle era provar ao público viril — que *o systema de carregar pela* culatra, *fora invenção portugueza, e não dos ladrões dos prussianos,* como queriam muitos.

Esta poesia sái agora á luz pela terceira vez.

acabe os gordos dias tranquillo.

«Está froxo este verso, quasi errado. Prefiro dal-o assim a pôr-lhe um duro *mais* entre as duas últimas palavras.» *Nota do A.*

¡ Triste realidade !

Nem só as grandes obras se parodiam ; o nosso Cartola parodiou tambem essa ensossa versalhada do sr. Augusto de Miranda. O leitor ja leu os *Primeiros cantos* do melro de Chaves? Não? Damos-lhe, então, sinceramente os parabens.

Que tremenda semsaboria ! Que palhada ! Que asneiras ! *Vade retro !*

Affirmaram-nos que o A. lhe parodiára quasi todo o livro ; mas só nos veio ás mãos a poesia que publicamos.

SONETOS

I — II — III — IV

Os dois primeiros sonetos foram feitos ao redactor do *Anno Novo,* cuja estrambotica figura vai descripta na explica-

ção do *Caguei-me agora;* o terceiro, á infausta morte d'aquelle periodico, succedida quando o A. lá esteve em cima; e o quarto, ao militar mulato.

As notas, que seguem e que se referem a estas composições, foram escriptas pelo A.

a villa d'Arrifana tão mesquinha.

«O chiqueiro que se-appellida hoje *cidade de Penafiel*, tinha ainda ha pouco áquelle nome e áquelle fôro. O padre Carvalho 'na sua *Corografia* chama-lhe *lugar.*»

. . . . . *¿ Fofinha?*

«Um chapado palerma, que algumas vezes tambem tenho incontrado no Porto.»

¡ Hai! ¡ Terra das albardas tão coitada!

«Assim chrismárão Penafiel, como derão a Lisboa a chrisma de *terra das alfaces*, e a Coimbra a de *terra dos palitos*, e ao Porto a de *terra das tripas*, e a Braga a de *terra das frigideiras*. São as albardas a industria principal de Penafiel; mâs, ainda assim, não produz quantas precisião os naturaes.»

ó Giesta, ó boccal da grande rolha,

«Giesta é o primeiro puto penafidelense. Dizem-no mais perito que o proprio Chinklin.»

V

A heroina era filha do director de um collegio de Lisboa, e deu-se o caso com um dos collegiaes a quem ella tocava pivias.

¡ Com que garbo ella imbala *os mais esguios!*
¡ Como ella afia *os grossos, prazenteira!*

«Francisco Dias Gomes indigitava sempre ao leitor qualquer belleza das suas poesias, e nunca ninguem o-censurou

por isso. Peço que me-desculpem, então, por lhes-mostrar agora, e so por esta vez, a expressiva propriedade d'aquelles dois verbos.» *Nota do A.*

VI

Por variar um dia da punheta,
— ou por deixar os putos em descanço, —

«Isto é chalaça. Por dizer d'estas e d'outras é que me-assacárão por ai o labeu de fanchono. ¡Fanchono! ¡Eu. que em quatro annos tenho apanhado dôze galliqueiras!... So se la uma vez por acaso fui ás coxas do leitor. . . Más. . . ¿fanchono?. . . Isso ¡porra!» *Nota do A.*

procurei entre os cobres meio ganso,

«Um *ganso* é um crusado novo. *Diccionario do putedo*, vol. IV.» *Nota do A.*

e fui parar a casa da Henriqueta.

A celebre Henriqueta-dos-Bochés, que grama o nabo de toda e qualquer maneira.

VIII

Poz-lhe elle um dia um beijo 'no semblante;
mais tarde, as mãos lhe-poz 'nas mamas quentes;
e, por fim, os pentelhos réluzentes
a nympha separou co'a porra ovante.

O A. esqueceu-se que tinha pedido licença *por uma so vez* para mostar no soneto V duas palavras que julgava bem escriptas, e escreveu a seguinte immodestiazinha:

«Notem como 'numa so quadra pinto gradualmente a conquista da pequena.»

Perdoem-lhe ainda esta vez, e, agora que chegamos ao fim, perdoe-nos e desculpe-nos tambem a nós o leitor o mal alinhavado d'estas notas, tendo em vista as nossas fracas forças e quasi nenhumas habilitações.

Lance-nos a absolvição, e. . . até breve.

FIM

Preço .. .. 200 r

» para as provincias (franco) 240

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

BRIEF

PQD

0003459

01821177

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 09 08 01 10 004 7